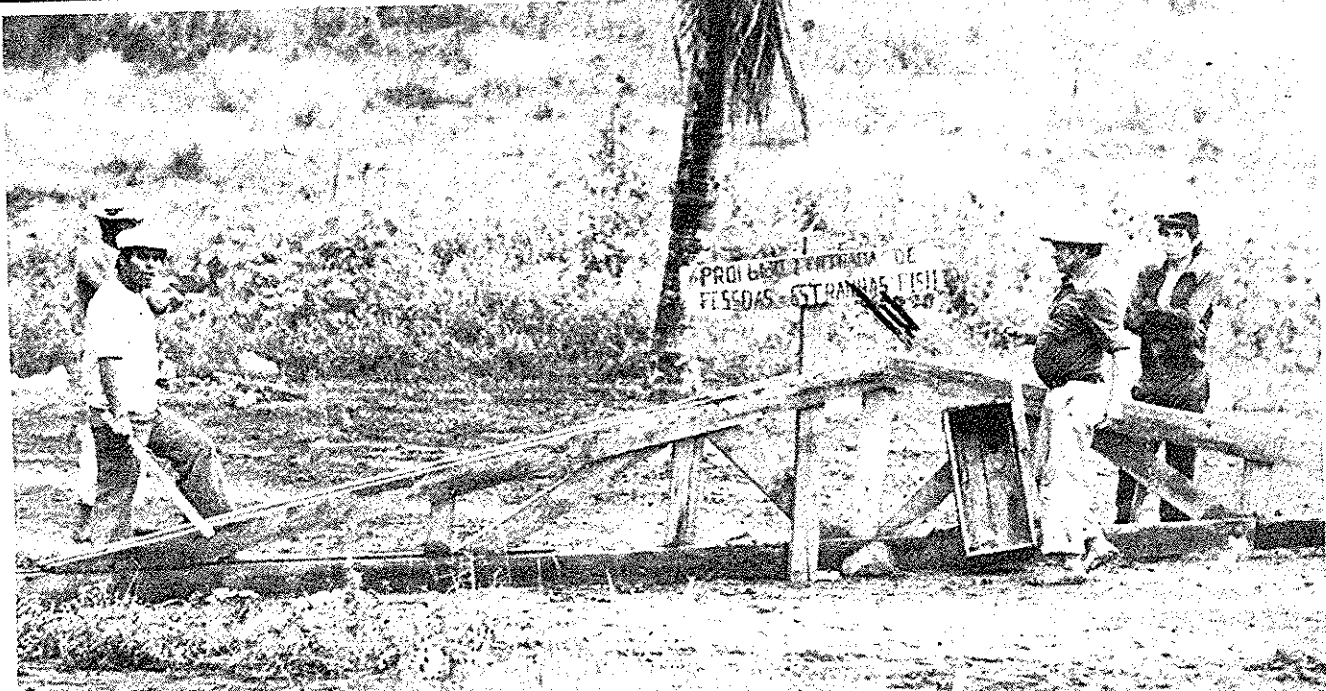


BRIGA DE CACIQUES

O destacamento da Brigada Militar requisitado em Três Passos e os agentes da Polícia Federal buscados em Santo Ângelo já abandonaram a área do conflito, onde permanece um funcionário da Funai, Lídio Della Beta, tentando garantir a paz assinada na noite de sexta-feira última entre os líderes dos dois grupos indígenas que ameaçaram guerrear na reserva de Guarita, em Miraguai. Ninguém sabe até quando essa paz vai durar, admitiu ontem o prefeito da cidade, empossado segunda-feira, Jorge Porolnick dos Santos, repetindo a conclusão a que chegou a própria subdelegada da Funai, Paula Ebling. O certo mesmo é que com a divisão dos índios, liderados por dois caciques, Ivo Sales e Domingos Ribeiro, dominando áreas cobiçadas por suas matas valiosas e por suas preciosas terras férteis, existentes nos 23 mil hectares da reserva, ficou aceso o estopim da revolta entre os 2.800 caingangues. Acompanhamos a história das negociações entre os dois grupos intermediados pela Funai, que agora é detalhada no texto:



Houve muita negociação antes da decisão de dividirem as terras da reserva



Barreira colocada na entrada da reserva impedia a passagem de qualquer estranho, indicando o clima de hostilidades

I
Cacique Ivo, que os brancos chamam de Ivão, chega altaneiro, sabido de sua autoridade. Desce de uma kombi dirigida por um motorista da Funai acompanhado de um capitão de seu estado-maior. Enverga um boné branco contrastando com o rosto escuro que ostenta um ar sério. Os brancos integrantes da comitiva da Funai querem exibir a mesma imponência mas a subdelegada Paula Ebling alerta: "Aqui estamos no território dele". Os brancos partem solícitos e gentis ao encontro do cacique corpulento.

Lídio Della Beta, funcionário antigo da Funai Gaúcha, trazido de Minas Gerais para facilitar as conversações, adianta-se a comitiva e faz a saudação amistosa em dialeto caingangue: "Tambê, cacique". Cacique Ivo responde em tom amistoso, mas retira do bolso da camisa um papel surrado, datilografado, denunciando a atuação do chefe do posto, Ruy Cotrin Guimarães, por ter tomado o lado inimigo, dos índios comandados por Domingos Ribeiro. "Chefe do posto devia dar cobertura pros dois lados, não só pros índios que saíram da aldeia", diz ele, passando o papel para as mãos do procurador-geral da Funai, Afonso Augusto de Moraes que, imediatamente, o sepulta em seu bolso.

Cacique Ivo convida a comitiva da Funai para ultrapassar a barreira colocada na entrada da reserva com a tosca inscrição "Proibida a Entrada de Estranhos". Mas quando Ruy Cotrin prepara-se para embarcar na Kombi, ele embrabece: "O Ruy não entra. Tem muito índio estranhado com ele lá na aldeia", ameaça o cacique. Já está instalado no banco da frente do veículo quando percebe o movimento da veraneio cor de vinho, placas de Porto Alegre, AA 0643, carregando cinco agentes da Polícia Federal portando metralhadoras. Então, se enfurece de novo.

Desce da Kombi com gestos contrariados e apontando a veraneio, berra com 20 índios armados de porretes e facões que guarnecem a porteira: "Aqui a Polícia Federal não entra. Aqui eu sou a autoridade". A camionete dos policiais aquetia seu motor. Cacique Ivo não desconfia mas os federais já se infiltraram no interior da Kombi que leva a comitiva da Funai até a aldeia: o agente federal Telmo Lima de Freitas, conhecido folclorista, leva um rádio pronto para se comunicar com seus colegas, se

precisar. Se o Ivão engrossar com os brancos.

II
Passados cinco minutos, o motorista da Funai retorna tripulando a Kombi, trazendo um convite, em tom de ordem. "Cacique mandou buscar fotógrafo para documentar recepção", anuncia ele. Adolfo Alves, de Zero Hora, embarca no veículo para fotografar um surpreendente exército de índios formando duas fileiras, em amplo corredor marcado pelos porretes cravados no chão.

São porretes fabricados em série, na serraria da reserva, feitos de cedro, com cabo e alça, similares aos cassetetes usados pela Brigada Militar. Há, também, facões, com lâminas beirando os 10 centímetros de largura. Mas nenhuma arma de fogo é exibida para a fotografia.

III
Três horas e meia depois, quando finaliza essa primeira reunião dos dirigentes da Funai procurando um acerto entre os dois grupos que disputam o poder em Miraguai, os resultados são desanimadores. Cacique Ivo ficou firme em sua decisão de permanecer como a maior autoridade dos 2.800 caingangues que habitam a extensa reserva da Guarita. Ele concorda em conceder um cargo importante, mas secundário, de capitão-geral, ao líder dos revoltados, Domingos Ribeiro. E, também, promete não praticar represálias contra os inimigos. "Tudo volta para trabalhar na aldeia, debaixo de minhas ordens", sentencia, irredutível.

IV
Os brancos, que os índios chamam de portugueses, deixam a reserva decepcionados. O procurador Moraes, ao chegar em Miraguai, depois de vencer quatro quilômetros de chão batido desde a sede da reserva, tenta um contato telefônico com o Coronel Paulo Leal, presidente da Funai, em Brasília. Não consegue e decide almoçar no restaurante da Rodoviária. Está saboreando seu churrasco junto com a comitiva e os policiais federais quando, às 14 horas, tem que enfrentar a im-

paciência dos índios alojados no salão paroquial. Acompanhado de seus capitães, representando o grupo faminto e esfarrapado dos que foram forçados a abandonar a aldeia, Domingos Ribeiro vem interromper o almoço. Quer saber o que houve, afinal, depois de mais de três horas de reunião com o inimigo. Não quer saber se a fome dos portugueses não pode esperar.

V
Os índios não se conformam com as palavras da gente da Funai que chega no salão para anunciar o resultado da reunião com Cacique Ivo. Fazem coro enraivecido: "Se Ivo continuar cacique, morremos de fome mas não voltamos". Fabricam uma ladainha grande que, aliada ao mau cheiro que exalam neste salão abafado, onde estão há cinco dias sem banho, comendo mal e fazendo as necessidades fisiológicas pelos cantos, provoca visível mal-estar nos funcionários da Funai. Falam nos maus tratos de Ivo, do dinheiro que ele ganha vendendo madeira e arrendando terras para colono português plantar; dizem que o dinheiro some no bolso do cacique. Vai depois engordar a conta de um tal Alcides Balckes, em Tenente Portella. Acusam Ivo de possuir armas de fogo, enviadas pelos brancos que arrendam terras e contrabandeam madeira.

Arrastam um índio velho, que juram ter 120 anos e que foi batizado como Paulo Claudino, conselheiro da nação caingangue. Colocam o velho pequeninho diante de Afonso Augusto. "Fizeram judiaria com este velho", grita um índio. "Deixaram ele três dias e três noites na cadeia, sem comer nem beber nada. O senhor admite isso?"

Tem a índia Joana, com fama de valente e desbocada, que não enjeita briga. Joana, que é mulher de Domingos Ribeiro, usa cculos e tem dois dentes de ouro, chamou o próprio marido de covarde, diante da tribo, três dias atrás. Foi assim: o capitão José Luís da Silva, chamado em Três Passos com 30 homens, convocou os índios das duas facções, tentando conciliar o conflito. Não conseguiu nem entender os insultos em Caingangue que Ivo e Domingos trocaram. Então, chegou a Polícia Federal. Fez mesma reunião, às pressas, exigindo uma solução para uma briga que, enganosamente, anunciava-se como uma disputa de poder

entre dois caciques. Conseguiram um resultado: Ivo seria o cacique e Domingos o capitão-geral. Os policiais sorriram orgulhosos vendo o abraço de Ivo e Domingos. Mas, quando Domingos chegou diante de seus líderes para contar o acerto, a mulher lhe jogou na cara a desfeita: "Covarde!" E Domingos teve que voltar atrás no acordo.

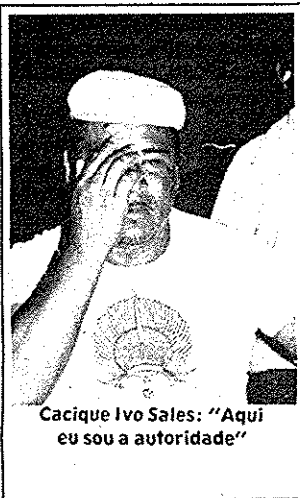
Agora, diante dos dirigentes da Funai, Joana grita com o mesmo ardor: "A gente tem que ser bandido e ladrão para vocês apoiarem". Os brancos pedem calma. Alegam que os índios comandados por Ivo também acusam eles, que as denúncias são recíprocas, que contam histórias de engravidamento de menor, roubo de madeira, violências promovidas pelos índios de Domingos. Então, Joana, furiosa, tira os óculos do rosto e fala uma linguagem que não convence os brancos. "Olha na minha cara, vê se tem mancha de mentira nos meus olhos", pede ela. Mas os dirigentes da Funai estão preocupados com questões mais práticas. Afonso Augusto repete que quer encontrar uma solução logo, hoje ainda. Não suporta a ladainha, há índios que falam e choram ao mesmo tempo. Afonso Augusto resolve se retirar. Vai esperar uma fala mais ordenada de Domingos Ribeiro e de seus conselheiros, lá no destacamento da Brigada Militar.

VI
Ninguém se importa, em meio a esta confusão, com o drama de José Maria, que é índio e também trabalha de motorista da Funai, dirigindo uma kombi fabricada em 1980, mas que está caindo aos pedaços. José Maria não estava em casa, na aldeia, na terça-feira, quando um branco, chamado Flori, quebrou os vidros, arrombou a porta, apagou a luz e investiu contra sua mulher, tentando estuprá-la. A mulher gritou, seus filhos choraram, aí prenderam o branco Flori, que é irmão de Eroni, casado com uma filha do próprio cacique Ivo Sales. Quando José Maria chegou de Porto Alegre, onde tinha ido levar o cacique na Funai, Flori havia fugido da cadeia.

Domingos Ribeiro tinha enviado guerreiros para soltar índios seus amigos, Flori aproveitou para escapular. José Maria ficou desesperado. Andava com uma espingarda à procura de Flori. Mandou a mulher para outra cidade, falou com o cacique Ivo,

Até quando vai durar a paz em Miraguai?

Texto de
André Pereira,
fotos de
Adolfo Alves



Cacique Ivo Sales: "Aqui eu sou a autoridade"



Domingos Ribeiro: o líder dos índios revoltados



Joana é mulher de Domingos: tem fama de valente e não enjeita briga

com o delegado. Mas ninguém tinha tempo para resolver seu pequeno drama. Só o agente federal Telmo de Lima Freitas ouviu-o com atenção e prometeu pegar Flori, em Porto Alegre. "Entreguei para a lei o caso", dizia José Maria, "para não matar ele e desgraçar minha vida".

VII

Tem a história do velho Florindo Amaral, pai de Solange, jovem mulher do velho cacique Sebastião Alfaiate, que reinava com a fama de mulherengo e corrupto na reserva, até seis meses atrás, quando foi derrubado por Ivo Sales. O velho choraminga quando conta que viu a filha ser forçada, pelos soldados de Ivo, a tirar a roupa, antes de ser expulsa da reserva. Primeiro Ivo mandou prender o cacique, com a ordem de transferência para Nonoai. Depois, saiu à procura de Solange. Florindo assistiu à prisão. Ela quis mudar de roupa, sabendo que ia viajar, mas não deixaram entrar em sua casa. "Teve que se pelar na frente de todo mundo, na rua", choraminga o velho, cavando as lembranças mas para argumentar contra Ivo. "Os policiais riam dele, ali pelada. E não deixaram ela levar nada, nem roupa nem móvel. Pegaram o gado, as criações, o que tinha na casa". Os índios ouvem a história em silêncio. Os brancos da Funai também. O velho avança para Rui Cotrin, acusando-o de ter participado da expulsão. Rui defende-se, falando muito baixo, negando que tenha assinado a destituição de Sebastião Alfaiate. "Eu só assiné a ordem de viagem dele", explica o chefe do posto. Mas o velho não se convence: "Tu assinou a transferência. Rui. Tu assinou, tu assinou que eu sei". Alguém agarra o velho com suas lágrimas, antes que ele salte sobre Rui.

Alguns índios cochicham, imaginando uma situação que os funcionários da Funai não conside-

raram nesta sexta-feira. "O único jeito é prender essa gente da Funai e exigir que Ivo abandone a reserva", especulam eles. Sorte dos brancos é que, nesse momento, Francisco Ribeiro e Wilson Ribeiro já decidiram o destino da tribo.

VIII

Esses primos de Domingos são os autores intelectuais da revolta dos caingangues. São responsáveis pela escolha de Domingos como cacique e líder oficial deste grupo. E são igualmente os índios que, sem se expor publicamente, conduzem o pensamento do grupo. É a principal ou, pelo menos, a mais visível diferença entre as facções contrárias. Ivo Sales comanda com mão de ferro, cercado de capitães que dão a impressão de sustentarem sua autoridade pelo temor, pela força e pela violência. Domingos Ribeiro titubela em suas decisões, procura Wilson ou Chiquinho com os olhos, às vezes olha para a mulher Joana numa implorante e muda indagação. No momento em que todos no salão parquial discutem o que será melhor para a tribo, Wilson e Chiquinho conversam sobre a estratégia da divisão da reserva indígena. "Ivo fica com as terras para arrendar", planeja Wilson. "Nós ficamos com as matas porque ele vai precisar de madeira, depois da safra de soja, e vai ter que nos pedir. Também ficamos com a parte mais populosa", argumenta Chiquinho, "e vamos tentar fazer os índios da aldeia passar para o nosso lado".

Depois, procuram Domingos, o cacique que escolheram para chefiar o povo, e comunicam-lhe a decisão. As terras vão ser separadas, o povo vai ser dividido.

Haverá dois caciques. Ele e Ivo.

Domingos sorri satisfeito e vai levar sua proposta a Afonso Augusto, no destacamento da Brigada Militar.

IX

Todos contam com a aceitação de Ivo diante dessa proposta porque é época de plantio e os arrendamentos de terras agrícolas estão rendendo dinheiro para o cacique. Violento e impulsivo, Ivo não pensará no inverno quando, costumadamente, os arrendamentos diminuem. — essa é a aposta de Wilson e Chiquinho.

Afonso Augusto tem que consultar a presidência da Funai sobre a divisão. Vai a Tenente Portela, a 17 quilômetros de Miraguai, para ligar a Brasília. Mas, quando sai, declara-se pouco esperançoso na busca de uma solução para o impasse. "Os dois lados estão muito intransigentes", diz, com o rosto sério e preocupado.

Na sua ausência, os brancos de Miraguai manifestam-se sobre o episódio, que deixa esta cidadezinha de 8 mil habitantes, 3 mil eleitores, um prefeito do PDS substituindo um peemedebista, nenhum cinema e nenhum clube, conhecida nacionalmente. Quase todos aplaudem Domingos, dizem que o Ivo é mau sujeito. Assim fala o padre Luiz José Haas, que abrigou os índios no salão parquial. Assim fala o vice-prefeito João Barbosa Dias, referindo-se à má distribuição das rendas que o cacique amealha. Assim fala o secretário da prefeitura Natalício Bordin, revelando que a administração gastou Cr\$ 130 mil fornecendo alimentos para os alojados na igreja.

O capitão José-Luiz da Silva, comandante de um batalhão da Brigada Militar chamada em Três Passos para conter a guerra, fala com mais cuidado, procurando não demonstrar de que lado está. Na procura deste equilíbrio, arriscou a vida, como ele diz. Foi visitar Ivo na reserva, em meio ao ambiente tenso da semana. E foi só, junto com um cunhado que mora perto da

aldeia. Sentou com Ivo, colocado à frente da formação de cruz que os índios desenham em suas reuniões com os capitães, tenentes, sargentos e cabos dando segurança ao cacique. O capitão José Luiz gelou mesmo quando os ou-

tros índios o cercaram, a soldadama indígena toda ao seu redor. Mas, agora, interpreta o gesto sem temor: "Era pura curiosidade deles".

X

Afonso Augusto recebeu sinal verde de Brasília, convocou Domingos e partiu, escoltado pelos policiais da Veranico cor de vinho, rumo à reserva. Eram 19 horas de sexta-feira. Ninguém podia ultrapassar os índios armados da barreira. Chovia, e escureceu cedo. Animados pela cachaca que ajudava a enfrentar o frio, os índios promoviam uma algazarra, brandindo facões e porretes em batalhas imaginárias.

Domingos e Ivo estavam reunidos, sozinhos, em uma cabana. A proposta da divisão tinha sido aceita, afinal.

Fez-se uma ata com três cópias, para os dois caciques e pa-

ra a Funai. O lado de São João de Irapuá com suas férteis terras agrícolas, coisa de 10 a 12 mil hectares, são domínio de Ivo. Porção semelhante, onde estão as matas de cedros, guatambus, guabirobas, agora são reino de Domingos.

São 21 horas. O cabo Sérgio, índio molhado, manda abrir a barreira. O cacique quer foto da paz. Afonso Augusto, Paula, o agente Telmo de Lima Freitas, todos sorriem satisfeitos. Afonso Augusto pede um porrete de presente, quer erguer no salão parquial quando, ao falar "no final feliz da missão cumprida", definirá o cassetete como "símbolo da paz".

Cacique Ivo faz pose para o retrato. Puxa Domingos contra si, agarrando-o na altura do pescoço. Domingos crava os pés do chão, rejeitando maior contato. Mas, enfim, sorri tão oficialmente como requer este momento de cerimoniosa encenação.



Índios de Miraguai agora estão divididos em duas facções...



conforme acordo oficializado por Afonso Augusto Paula da Funai, levantando o cassetete com "símbolo da paz"